

## **Homonormatividade em *Tese sobre uma domesticação*, de Camila Sosa Villada**

Homonormativity in *Thesis on a Domestication*, by Camila Sosa Villada

Paulo Henrique Pressotto<sup>1</sup>

Ana Carolina Morais de Souza<sup>2</sup>

Resumo: O romance de Camila Sosa Villada narra a história de um casal LGBT de classe média alta, composto por uma famosa atriz travesti e um advogado gay que, como se estivesse seguindo um roteiro, adotam uma criança para formar a família. Devido à importância da obra e da autora que tem conquistado cada vez mais público e crítica, o presente trabalho se propõe analisar, por meio de revisão bibliográfica, a homonormatividade presente no romance.

Palavras-chave: *Tese sobre uma domesticação*, Camila Sosa Villada, Homonormatividade.

Abstract: Camila Sosa Villada's novel tells the story of an upper-middle-class LGBT couple, composed of a famous transvestite actress and a gay lawyer who, as if following a script, adopt a child to form a family. Due to the importance of the work and the author that has conquered more and more public and critics, the present work proposes to analyze, through a bibliographic review, the homonormativity present in the novel..

---

1 Docente do curso de Letras Habilitação Português/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Coordenador do Mestrado Profissional em Letras (UEMS/Dourados).

2 Discente do curso de Letras Habilitação Português/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Dourados), desenvolve PIBIC na área de Estudos Literários.

Keywords: *Thesis on a domestication*, Camila Sosa Villada, Homonormativity.

## INTRODUÇÃO

**Tese sobre uma domesticação** (2024), da célebre escritora argentina Camila Sosa Villada, narra a história de um casal LGBT de classe média alta composto por uma famosa atriz travesti e um renomado advogado gay que, seguindo os padrões homonormativos, adotam uma criança para constituir a tão sonhada família tradicional.

O filho do casal possui um passado trágico: ao nascer, foi infectado com HIV por sua mãe que ao descobrir que havia transmitido o vírus para a criança acaba se matando. O pequeno, sem nunca ter conhecido o pai, vai para a casa dos avós e, após mais um acontecimento horrível (pois o avô mata a esposa a facadas na frente do neto), segue para o sistema de adoção.

**Tese sobre uma domesticação** é um romance repleto de mágoas, traumas familiares, violência, drama, amor e ternura, o enredo apresenta uma prosa afiada e potente, como só Villada é capaz de criar, tocando em temas atuais e marcantes que fazem com que a obra deva ser debatida e abordada criticamente.

Devido à importância da obra e da autora que têm conquistado cada vez mais público e crítica, o presente trabalho se propõe analisar, a homonormatividade – termo que vem ganhando destaque nos estudos de gênero atuais –, a domesticidade e as dissidências de sexualidade e gênero, bem como seus papéis na narrativa, à luz de conceitos teóricos como os de Butler (2019), Halberstam (2020), Oliveira (2013), Drucker (2015) e Laurindo (2020).

Dessa forma, busca-se realizar, neste trabalho, uma análise interpretativa de uma obra de ficção contemporânea latino-americana, atentando-se para os debates essenciais de questões de gênero e sexualidade (que estão presentes nela) as quais permeiam as existências dos dissidentes às normas. Busca-se aqui também divulgar ainda mais o romance e a autora ao leitor.

## DISSIDÊNCIA E HOMONORMATIVIDADE

A personagem principal do romance **Tese sobre uma domesticação** (2024), da escritora argentina Camila Sosa Villada, é uma travesti atriz que conquistou fama e sucesso e agora vive uma vida invejável de classe média alta, casada com um excelente partido: um advogado rico, bonito, elegante e herdeiro de um sobrenome das famílias nobres:

O marido da atriz é um advogado criminalista especializado em golpes virtuais, único herdeiro de um casal de intelectuais com um monte de mestrados e doutorados. Ele vem de uma família que tinha casa de campo em Vila Allende, com cavalos e governantas, residência em Nueva Córdoba e propriedades espalhadas pela cidade. O marido da atriz é um homossexual órfão *forrado de grana*.

Ela é uma daquelas travestis que, como dizem as velhas, soube se casar bem (Villada, 2024, p. 26-27, grifo da autora).

Completando o quadro familiar: um filho adotivo. Logo na lua de mel, seu marido fizera questão de indagar se ela gostaria de ampliar a família com uma criança, para ele era uma proposta séria e necessária. A criança era o elemento que faltava para a família tradicional perfeita, assim, tempos depois do casamento, a busca por adoção

teve início. O processo sendo muito facilitado pela boa qualidade de vida e finança dos pais, tendo ainda como bônus a fama da atriz:

Ela podia pagar babás. Ela podia até ir com o esperma do marido – o advogado de mais de um metro e oitenta que trabalhava para as famílias mais influentes e ricas do país – para qualquer lugar do mundo em busca de uma mocinha que lhes alugasse o útero por alguns dólares [...] Era como se qualquer mulher abastada quisesse adotar um orfãozinho. Fazer o bem. Como eram eles, as coisas se saíram ainda melhor. Quantos casais tinham o privilégio de que uma assistente social os encontrasse pessoalmente para facilitar a adoção, a ponto de resolvê-la na mesma hora? A atriz sabia que o advogado sozinho não teria conseguido. Nem se tivesse casado com outra ou com outro, tanto faz. Era ela quem servia a todo o circo. Ela e sua fama (Villada, 2024, p. 73-74).

Coroando a família normativa e bela, a casa era de um luxo aparente e necessário para o patamar social que possuíam: um apartamento de trezentos e doze metros em um edifício no centro da cidade:

Seu apartamento tem uma enorme porta preta com fechadura de aço e se abre também com um leitor de QR-Code. A atriz apoia o relógio no leitor, que emite um bite e a porta se abre [...] O cheiro de molho inunda os trezentos e doze metros quadrados da sua casa. O vapor embaça as janelas que dão vista para a cidade. Ao fundo, numa cozinha de móveis laqueados, com o mesmo mármore sagrado da entrada do prédio cobrindo o chão e o enorme balcão, seu marido (outro quarentão fabuloso na sua vida) cozinha (Villada, 2024, p. 26).

O casamento e a família eram para a atriz e o advogado aspirações lógicas, passos que compunham o roteiro óbvio da vida, o padrão

homonormativo que seguiriam e completariam como um *check-list* fundamental da vida pertinente a pessoas de sua classe. Quando fala sobre o casamento em si, a atriz mostra bem que era um cumprir a normativa:

Nada a divertia mais que exibi-lo como um par de sapatos caro e exclusivo [...] Depois de um namoro feliz, eles se casaram no vilarejo onde moravam o meio-irmão e os pais da atriz (divorciados havia muitos anos). Não porque qualquer um dos dois realmente quisesse entrar na enrascada legal que significava um casamento civil, mas porque podiam. Podiam gastar dinheiro com uma festa, pagar a hospedagem de todos os convidados num hotel dos anos 50 que ainda funcionava a vinte quilômetros do vilarejo, comprar o vestido na Maison Lanvin (Vilada, 2024, p. 52).

A reprodução de padrões heteronormativos/heterossexuais por homossexuais, pela comunidade LGBT, condiz com o que se chama de homonormatividade, essa presença de convenções e padrões que são comuns aos heterossexuais, mas agora aplicados à homossexuais (Butler, 2019). Como afirma Laurindo, “a matriz homonormativa, apresenta-se enquanto sistema de restrição dentro da própria comunidade LGBTQI+, com exigência da expressão do desejo sexual e afetividade por pessoas do “mesmo” sexo/gênero” (2020, p. 51), o que acaba excluindo aqueles que divergem dessas normativas.

O casamento entre o advogado e a atriz, termo que ela mesmo usa, baseia-se num critério de “podemos”, pois, a classe social a qual eles pertencem permite o luxo de casar-se em um evento requintado, mudar-se para um apartamento em um prédio central, adotar uma criança que seria impensável para qualquer outro dissidente que não cumprisse os critérios de *status* e poder aquisitivo que possuíam. A

homonormatividade os impele ao conceito padronizado de família, pois só esse modelo é visto como correto:

Como um tipo de narrativa falsa de continuidade, como construção que faz conexões e sucessões parecerem orgânicas e naturais, família também entra no caminho de todos os outros tipos de alianças e coalizações. Uma ideologia de família empurra gays e lésbicas na direção de políticas de casamento e apaga outros modos de parentesco no processo (Halberstam, 2020, p. 109).

A homonormatividade está intrinsecamente ligada às questões de raça e classe, pois é com o neoliberalismo e a sociedade capitalista e racista que os padrões de consumo, passabilidade e mercado da comunidade LGBT vão se fortalecendo e definindo. Esse novo conceito vem para coroar as práticas que emulam aqueles padrões já característicos da heteronormatividade. Como afirma Oliveira:

[...] o conceito de homonormatividade torna-se particularmente relevante para entender o modo como a população LGBTIQ faz perdurar o legado da heteronormatividade no plano de uma cidadania voltada para o consumo num quadro neoliberal, na despolitização das reivindicações e no reforço do binarismo de gênero dentro da própria comunidade, constituindo assim uma hierarquização dentro dessa comunidade em termos de grau de aceitabilidade e de conformidade dos corpos às normas de gênero (Oliveira, 2013, p. 68-69).

Em conjunto com o mercado, vê-se surgir assim nichos específicos baseados no lucro e na segmentação. A comunidade LGBT não é mais acolhedora com todos os dissidentes, mas apenas com aqueles que atingem certo padrão e condizem com o que o mercado e a nor-

mativa impõem, agora existem os queer que estão corretos e aqueles que devem ser rejeitados e excluídos:

O mundo comercial gay pode ser grande, mas não é nenhum modelo de diversidade. Apesar da possibilidade de se lucrar nos nichos LGBTI de mercado, ganha-se muito mais nos espaços uniformes que focam nos consumidores com a demanda mais efetiva, onde pessoas com os corpos errados, com as roupas erradas, com as práticas sexuais erradas, com o gênero errado ou com a cor de pele errada são vistas como ruins para o marketing e são frequentemente excluídas. O crescimento da cena comercial tem, portanto, aumentado o estigma e a marginalização de muitas pessoas LGBTI (Drucker, 2018, p. 203).

Embora a atriz seja uma travesti e tenha até se prostituído na juventude, o fato de ter conseguido se destacar nos palcos e consolidar uma carreira gerando uma pequena fortuna e acesso à elite, faz com que ela não esteja no grupo dos que enfrentarão a marginalização, o seu *status* social é elevado, o dinheiro e a fama fazem com que ela possa pertencer aos altos círculos e participar da normatividade.

Assim, o casamento com um bom partido e a vida doméstica devem ser almeçados pela atriz, tanto que suas amigas lésbicas e ricas fazem questão de apresentá-los (os homens) e incentivar o romance:

- Namora com ele. Você tem que projetar melhor seu futuro. Enfia esse bombom na goela dos outros, esfrega na cara deles. Que te vejam com um cara que vai deixar todos mortos de inveja.
- Grana. O mais importante. Tem grana. Eu não suporto que você pague as contas dos teus casos (Villada, 2024, p. 35).

A liberdade que possuem em suas vidas, sendo LGBTs da elite, tem muito a ver com as escolhas de se adequar a esse padrão imposto pelo mercado e pelos setores conservadores da sociedade, que aceitam a convivência com o diferente, desde que ele siga as regras. Nessa esteira, Drucker assegura que:

A liberdade que gozam as pessoas LGBTI é cada vez mais dependente de um mercado que é sobretudo acolhedor para pessoas com dinheiro. Os resultados são uma crescente comercialização da cena gay e um desvio à direita dos movimentos LGBTI (Drucker, 2018, p. 199).

O protocolo heteronormativo de casar-se antes de “envelhecer demais”, construir um lar sofisticado e a altura da classe social ao qual o casal pertence, depois a chegada prevista de filhos, a domesticidade a que todos devem estar preparados para performar torna-se também presente nos modelos da comunidade LGBT; a homonormatividade prevê tudo isso para dissidentes de sexualidade e gênero e impõe um padrão àqueles que fogem dos padrões.

Embora a comunidade lute por direitos iguais, em muitos casos acaba sendo uma luta por privilégios iguais de classe e raça que não serão acessados pela ampla maioria (Drucker, 2018). Como esclarece Jack Halberstam, em seu livro **A arte queer do fracasso** (2020), o conceito de família por si só já traz muitos significados e também todo um aparato ligado à tradição:

O emprego do conceito de *família*, seja em contextos hétero ou homo, quase sempre introduz compreensões normativas de tempo e transmissão. Família como conceito aparece tanto na cultura popular contemporânea quanto em culturas acadêmi-

cas para explicar uma compreensão reacionária profunda de interação humana (Halberstam, 2020, p. 109, grifo do autor).

Como ainda atesta o autor: “Precisamos esquecer família, esquecer linhagem e esquecer tradição, a fim de começar de um lugar novo, não do lugar onde o velho gera o novo, onde o velho abre espaço para o novo, mas onde o novo começa fresco, do zero” (Halberstam, 2020, p. 108). Esse conceito de família como é empregado há tanto tempo é uma normativa reacionária e que tem cooptado uma grande parcela da comunidade LGBT. Isso posto, compreende-se que até mesmo as lutas por igualdade procuram atingir o direito de compor uma estrutura nuclear como a existente na heteronormatividade, sendo que o que deveríamos estar buscando é um novo formato que possa abarcar mais tipos de dissidências e excluídos, talvez mais vantajoso para toda a comunidade.

A homonormatividade mostra-se assim como a extensão de todo o privilégio – e problemática – da heteronormatividade, em que a grande maioria dos corpos são excluídos e preteridos. Não se trata apenas de um conceito abstrato, mas sim de normativas que causam feridas e excluem muitas pessoas; a homonormatividade se mostra como o rechaçamento daqueles que já haviam sido colocados nas margens, criando uma hierarquia dentro da própria comunidade LGBT.

A família da personagem principal do romance, embora seja muito diferente do que se espere ao pensar no modelo tradicional em nossa sociedade, ainda assim, quando se aproveita de seus privilégios, emula a família padrão do modelo heteronormativo. A atriz travesti, que não gosta de se sentir presa, que é ácida, que tem amantes, ao ver com uma lente de aumento, não deveria almejar e lutar tanto

por um modelo familiar tão rígido e tradicional. Por que não buscar um modelo mais fluido, como propõe Halberstam (2020)? Por que o advogado gay que segue com seus amantes precisa permanecer com esse modelo de família tão específico e copiado do padrão heteronormativo?

Essas questões não são respondidas facilmente, mas uma ideia elucida o debate que deve ser levantado: por se verem tão à margem, muitos dos indivíduos da comunidade LGBT preferem se submeter aos padrões de que não gostam apenas para serem vistos como iguais. Muitos LGBTs, por terem seus privilégios, aceitaram e farão questão de reproduzir os modelos milenares existentes da heteronormatividade apenas para se sentirem possuidores de direitos e de igualdade, recusando-se a construir e pensar em uma realidade distinta que possa englobar muito mais pessoas, principalmente aquelas que não possuem privilégios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Tese sobre uma domesticação** (2024), de Camila Sosa Villada, é uma história repleta de questões sociais do tempo atual, permitindo muitas discussões. O romance é narrado por meio de uma prosa única e visceral, embora possua também ternura e delicadeza. Villada preenche sua obra com personagens e dramas complexos e completamente humanos e falhos, não há personagens unidimensionais ou preto e branco, mas matizes no horizonte, com personagens tridimensionais que despertam sentimentos diversos.

O casamento da personagem principal da obra, uma famosíssima atriz e um renomado advogado herdeiro de um nome conceituado e

muitos bens, é um dos temas centrais do romance. A domesticidade e o padrão homonormativo que seu relacionamento segue é debatido e problematizado ao longo das páginas. A atriz que se via como um lobo da estepe, contrária ao amor e a vida doméstica, se vê presa a um relacionamento estável com um filho, uma casa, uma vida de classe média alta padrão, nos moldes normativos sem fugir em nada – exceto por ser travesti e seu marido gay, ela estava “domesticada”.

Apesar de que a luta por direitos seja essencial e imprescindível, ainda mais quando se considera o quanto o preconceito e a violência ainda massacram a comunidade LGBT, é importante que se tenha em mente que muitas dessas reivindicações são para atender um recorte muito específico da comunidade e que muitas vezes estão buscando apenas exercer privilégios iguais de raça e classe (Drucker, 2018). Deve-se atentar sempre para que não seja perpetuado os padrões homonormativos que se baseiam nas convenções heteronormativas e que seguem estigmatizando e marginalizando muitos indivíduos que são dissidentes e discordantes dessas normativas.

Com o presente trabalho, buscou-se tocar a temática da homonormatividade que pode ser apontada no romance devido aos privilégios de raça e classe que possuem as personagens e como compõem sua família. Um tema que vem sendo debatido nos últimos tempos devido à incorporação dos padrões heterossexuais por uma parte seleta e bem aceita da comunidade LGBT.

Por fim, para que o debate sobre tal questão pudesse ser ampliado, a análise foi feita tendo como base conceitos teóricos como os de Butler (2019), Halberstam (2020), Oliveira (2013), Drucker (2015) e Laurindo (2020). Acredita-se que esta leitura possa contribuir e se juntar a outros estudos críticos sobre essa narrativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DRUCKER, Peter. **A normalidade gay e a transformação queer**. Cadernos Cemarx, Campinas, SP, n. 10, p. 199–217, 2018.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de Bhuvi Libanio. Recife: Cepe, 2020.

LAURINDO, C. R. **Construções identitárias bissexuais e matrizes hetero e homonormativas**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, 3(10), 48–58, 2020.

OLIVEIRA, J. M. de. **Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação"**. Psicologia & Sociedade, v. 25, n. 1, p. 68–78, 2013.

VILLADA, Camila Sosa. **Tese sobre uma domesticação**. Tradução de Silvia Massimini Felix. São Paulo: Companhia das letras, 2024.